

ASSERÇÃO, DENEGAÇÃO E FOCO DE VERDADE

Lílian Teixeira de Sousa¹

RESUMO: Muitos autores (BIBERAUER & CYRINO, 2009, TEIXEIRA DE SOUSA 2008, 2012; CAVALCANTE 2007, 2012) têm se ocupado da distinção entre as três principais estruturas negativas presentes no Português Brasileiro (PB), a saber: [Neg V], [Neg V Não] e [V Não]. As discussões à respeito da estrutura [Neg V Não], por exemplo, tem a ver principalmente com a distinção em termos de atos de fala, alguns considerando à como denegação enquanto outros como asserção negativa. Neste trabalho, retomamos essa discussão com o objetivo de reforçar a interpretação dessa estrutura como uma asserção negativa e, ao mesmo tempo, levantar alguns fatos que devem ser levados em consideração na formulação de um modelo para a derivação de elementos focalizados.

PALAVRAS-CHAVE: negação; denegação; foco de verdade.

ABSTRACT: Many authors (BIBERAUER & CYRINO, 2009 TEIXEIRA DE SOUSA 2008, 2012; CAVALCANTE 2007, 2012) have studying the distinction between the three main negative structures in Brazilian Portuguese (BP), namely: [Neg V], [Neg V Neg] and [V Neg]. The discussions about the structure of [Neg V Neg], for example, have been made in terms of speech acts; some authors argue that this structure corresponds to denial while others to assertion. In this paper, we return to this discussion in order to strengthen the interpretation of this structure as a negative assertion. We also observe some facts that should be taken into account in the formulation of a model for the derivation of focused items.

KEY WORDS: negation; denial; verum focus.

Introdução

É bastante conhecido na literatura linguística a existência de três diferentes estruturas negativas no Português Brasileiro (PB), a saber [Neg V], [Neg V Neg] e [V Neg]. Dada a raridade do fenômeno, o estudo da negação sentencial no PB têm despertado o interesse de diversos estudiosos, os quais se debruçam sobre as diferenças de distribuição das estruturas para diferenciá-las enquanto negação semântica ou pragmática. Para a maioria dos autores (BIBERAUER & CYRINO, 2009, TEIXEIRA DE SOUSA 2008, 2012; CAVALCANTE 2007, 2012), apenas a negação pré-verbal ([Neg V]) pode ocorrer em todos os contextos, o que a definiria como a negação canônica do PB. No que diz respeito às estruturas não canônicas, Cavalcante (2008, 2012) associa a ocorrência das estruturas [Neg V Neg] e [V Neg] à denegação. Já Teixeira de Sousa (2012) argumenta que, diferentemente de [V Não], a estrutura [Neg V Não] corresponde a uma negação semântica com escopo sobre uma

¹ Doutora em Linguística, professora na Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR). Email: liliantsousa@gmail.com.

proposição negativa, o que a define como um ato assertivo, distinguindo-a de uma denegação, que é um ato puramente responsivo. Essa estrutura, no entanto, também pode ser usada como resposta, o que a aproxima de uma denegação que, além de outras coisas, tem como características a presença de asserção prévia, a identificação formal de referentes e o apagamento.

Neste estudo trataremos da distinção entre as estruturas negativas do PB no que diz respeito a ato ilocucionário, assim como observar os efeitos dessa noção discursiva sobre a estrutura sintática.

Asserção negativa versus denegação

Rajagopalan (1982) propõe uma distinção entre denegação e asserção negativa a partir da noção de ato de fala, para tanto, estabelece as diferenças entre um e outro ato. Para o autor, o ato de denegar é caracteristicamente feito para um enunciado responsivo, ou seja, o ato de denegar não pode ser *in vacuo*, sendo necessário que a proposição negada no contexto imediato. Nesse sentido, há uma clara diferença entre a rejeição de uma proposição (positiva ou negativa) e a asserção de uma proposição negativa. Conforme argumenta o autor, uma proposição negativa é assertada por um falante que pressupõe que o ouvinte acredita ser o caso de um estado de coisas sendo assertado, esse é o caso de sentenças negativas usadas para corrigir alguma má-compreensão da parte do ouvinte.

Segundo Rajagopalan (1982), numa análise pragmática, as diferenças entre as duas interpretações poderia ser explicada por dois diferentes atos de fala, asserção e denegação. Em uma interpretação, o elemento é parte da proposição expressa, faz parte de uma asserção. Na outra interpretação, o marcador negativo tem sua origem na força ilocucionária com a qual a sentença é enunciada, na execução da força ilocucionária de denegação. Se uma sentença como *I didn't see him yesterday* é enunciada como uma asserção, o marcador negativo pode ser analisado no nível do conteúdo proposicional, já se a sentença é usada como ato de denegar, a negação está no domínio da pragmática e fora do escopo da condição de verdade semântica.

De acordo com Teixeira de Sousa (2012), a estrutura [Neg V Não], embora classificada como negação semântica, poderia também ter um uso como denegação, como ilustra o dado abaixo:

- (1) A: Você comeu o bolo todo.
B: Não. Eu *não* comi *não*.

No entanto, segundo observa a autora, a presença no ‘não’ antes da estrutura é o que realmente marca a denegação da asserção, enquanto que a sentença negativa presente na sequência corresponde a um ato associado, uma asserção com a função de apresentar a versão do falante. Essa “dupla” marcação de polaridade em contextos de resposta é tratada na literatura como “eco” (RAJAGOPALAN 1982, FARKAS 2009). Rajagopalan (1982), por exemplo, trata dessa questão ao mencionar o conceito de adequação de um ato em sequência. Para o autor, a adequação de um único ato de fala depende da configuração da sequência. Assim, uma denegação pode ser seguida por alguns tipos de enunciados: (a) uma asserção de uma proposição que representa a versão do falante (aquele que denega) sobre a história, sem repetição monótona; e (b) uma asserção de uma proposição sobre os motivos do falante para denegar a asserção prévia dada pelo ouvinte.

Considerando esses fatos, Rajagopalan apresenta uma distinção entre respostas que representam um único ato de fala, composto por uma proposição e uma partícula eco, e respostas que compõem dois diferentes atos de fala, a saber, denegação e asserção negativa.

- (2) A: John is happy
B1: John isn't happy
B2: No, he isn't
B3: No | He is²

Na proposta do autor, a sentença B2 é derivada de B1, já B3 constitui dois atos ilocucionários separados – uma denegação e uma asserção. A partícula *no* em B2 não constitui um ato ilocucionário separado da sentença *he isn't*; ela funciona apenas como um “eco” que antecipa a interpretação da sentença. A distinção entre os dois tipos de resposta foi também tratado por Laka (1990) e Farkas (2009). Para essa última, esse tipo de estrutura corresponde também a uma asserção eco. A autora, no entanto, considera que as sentenças apresentam duas polaridades, uma sentencial e outra fora do escopo da sentença, e deriva os dois itens negativos da estrutura como a realização das duas polaridades, o *no* marcaria a polaridade externa e o *not* a polaridade interna. Em casos de uma asserção eco como o expresso em B2, as duas polaridades devem ser coincidentes.

² O símbolo “|” no exemplo representa um intervalo tonal.

A configuração das duas polaridades da sentença na perspectiva de Farkas (2009) é como apresentado em (03). A primeira, chamada polaridade absoluta, codifica a polaridade do radical da sentença assertada pela partícula *eco*; já o segundo conjunto de polaridade, polaridade relativa, confirma ou reverte a polaridade absoluta da sentença.

(3) [PolP P [CP ... [Σ p ... [VP]]]]

Para Teixeira de Sousa (2012), nos casos em que [Neg V Não] ocorre como resposta, a estrutura aparecerá categoricamente acompanhada de partícula *eco*, o *não*, o que indica que o preenchimento da polaridade absoluta é obrigatório. O mesmo não é observado em casos de respostas a perguntas polares neutras, em que a presença da partícula *eco* é opcional. Uma possibilidade de análise desses dados, segundo a autora, é considerar que a denegação, enquanto negação externa, é necessariamente extrassentencial (área do CP). Assim, podemos pensar que a formação partícula *eco* + sentença em (01B) não corresponde a um único ato ilocucionário como ocorre na opção (02B2) do inglês. Tal proposta encontra ainda respaldo na característica entoacional das estruturas. A distinção entre dois ou um ato em respostas no inglês é marcada prosodicamente, pela presença de dois eventos tonais em um caso e apenas um em outro. No PB, a partícula *eco* é invariavelmente marcada com um evento tonal distinto da sentença, sendo sempre marcada na escrita pelo uso da vírgula. Outro argumento a favor dessa análise é considerar que, pelo menos na fala adulta, uma denegação é frequentemente acompanhada de um argumento que a justifique. Também pode haver uma sentença na sequência com a polaridade inversa sem que isso prejudique a interpretação denegativa:

(4) A: Você comeu o bolo todo.
B: (Não). Eu e o Gustavo comemos.

Observe, no entanto, que no exemplo acima a presença da partícula negativa é opcional. Em dados como o observado acima, quando a partícula *não* aparece, há uma marcação entoacional específica que marca a interpretação da sentença e o mesmo caso de sentenças como *O João levou A ANA no cinema* (e não a Maria). Assim, podemos entender que a correção e a denegação podem ser eventos separados, como no exemplo (01B) em que temos a partícula *não* negando a assertabilidade do enunciado anterior e a proposição seguinte, que corresponde à correção.

Com isso, podemos dizer que a estrutura [Neg V Não] em (01B) não corresponde a um ato de denegação por causa da presença do *não*₂, mas devido à presença da partícula *eco*. O uso da estrutura como sequência à partícula denegativa parece corresponder a um ato em sequência (RAJAGOPALAN 1982), uma asserção com a versão do autor da denegação. Assim, no caso de estruturas [Neg V Não], a presença da partícula negativa externa é o que leva à interpretação de denegação e não a presença da estrutura. Assim, quando [Neg V Não] ocorre como resposta, a partir de um *common ground*, embora a interpretação seja de uma denegação, a sentença [Neg V Não] corresponderá, na verdade, a uma asserção associada à denegação. É importante salientar, no entanto, que o esperado é a realização de um padrão entoacional específico.

Asserção, denegação e foco de verdade

Na seção anterior, nos ocupamos da distinção entre asserção negativa e denegação, indicando que a estrutura [Neg V Não] corresponde à uma asserção negativa, mesmo ocorrendo em contextos responsivos. Como tentaremos mostrar a partir de agora, a interpretação de [Neg V Não] nesses contextos está associada a um fenômeno conhecido como foco de verdade ou polaridade, que corresponde ao foco sobre a polaridade da sentença em contextos em que a proposição sendo afirmada ou negada faz parte do *common ground* dos interlocutores. Nesse tipo de denegação, há certa associação com a assertabilidade da sentença num determinado contexto; no entanto, o foco é sobre o valor de verdade da sentença. Como dissemos anteriormente, nesses contextos, a estrutura [Neg V Não] continua sendo interpretada como uma asserção, mas, nesse caso, associada a uma denegação. Essa posição é reforçada se considerarmos que a proposição sob foco de verdade não necessariamente é pré-posta, podendo ser inferida ou pressuposta. Esse efeito decorre do fato de a estrutura não corresponder à denegação, mas estar associada a ela, funcionando como a versão do ponto de vista do autor da denegação.

Nesses termos, a atribuição dos termos ênfase, pressuposição e crença na descrição de [Neg V Não] parte do uso da estrutura enquanto foco de verdade, o que explica tanto o fato de estruturas [Neg V Não] terem escopo apenas sobre proposições, como a interpretação [+ênfase] associada a ela.

O termo Foco de Verdade, primeiramente analisado por Höhle (1992) para o alemão, é utilizado para se referir a um traço formal [VERUM] que tem a função de enfatizar a verdade de uma proposição expressa. No caso do alemão, essa ênfase na verdade é interpretada a partir da presença de um acento de *pitch* sobre o complementizador ou o verbo finito na periferia à esquerda da fase CP:

- (5) a. Paul glaubt, DASS Fritz die Katze gefüttert hat.
Paul acha que Fritz o gato alimentado tem.
'Paul acha que o Fritz alimentou mesmo o gato.'
- b. Ich HABE dir eingeladen.
eu tenho você-DAT convidado
'Eu te convidei sim'

Segundo Höhle (1998, 1992), o foco de verdade não incide sobre algum elemento da sentença, mas sobre a verdade da proposição expressa, estando relacionado a força ilocucionária. Por esse motivo, propõe que o foco de verdade seja diferenciado de outros tipos de foco. Os exemplos abaixo ilustram a distinção de tipos de foco considerando o fator prosódico proposta por Höhle:

- (6) Tipos de foco:
- a. Karl hat den Hund gefÜTtert. (foco contrastivo)
Karl tem o cachorro alimentado
'Karl ALIMENTOU o cachorro'
- b. Peter hat WEN gesehen? (pergunta eco/ foco-Qu)
Peter tem quem visto
'O Peter viu quem?'
- c. Was DER alles essen kann! (foco exclamativo)
O que o tudo comer pode
'O que esse cara come!'
- d. Karl hat gestern den HUND gefüttert. (projeção de foco)
Karl tem ontem o cachorro alimentado
'Karl alimentou o cachorro ontem.'
- e. Karl HAT gestern den Hund gefüttert. (foco de verdade)
Karl tem ontem o cachorro alimentado
'Karl alimentou o cachorro ontem sim'

Segundo Lohnstein & Stommel (2009), enquanto os dados apresentados acima evidenciam vários tipos de foco³, a proeminência prosódica sobre o verbo finito permite várias leituras, as quais dependem do componente gramatical presente no verbo finito:

(7) Tipos de leitura:

a. Karl FÜRterte den Hund.

Karl alimentou o cachorro

‘Karl alimentou o cachorro.’

- Er hat ihn nicht vernachlässigt und auch nicht vergiftet. (contraste no significado lexical)
ele tem o não negligenciado e também não envenenado
‘Ele não o negligenciou e também não o envenenou.’

b. Karl FÜRterte den Hund.

- Er wird ihn nicht füttern. Er fürterte ihn bereits. (contraste no tempo)
ele vai o não alimentar. ele alimentou o já
‘Ele não vai o alimentar. Ele já o alimentou.’

c. Karl GAB dem Hund Futter.

Karl deu o-DAT cachorro comida

‘Karl deu comida ao cachorro.’

- Karl GÄbe dem Hund Futter. (contraste no modo verbal)
karl dar-conj2 o cachorro comida
‘Karl iria alimentar o cachorro.’

d. Karl GAB den Hund Futter.

- Es ist wahr, dass er ihm Futter gab. (foco de verdade)
isto é verdade, que ele ele-DAT alimento deu
‘É verdade que ele deu alimento a ele.’

Considerando os exemplos acima, Lohnstein & Stommel afirmam que o foco de verdade expresso em (8d) se difere claramente das outras leituras, o que evidencia que o traço [VERUM] está igualmente presente, apesar de não ter uma realização aberta como tempo, modo verbal ou forma fonológica de um elemento lexical. Com isso, os autores argumentam que há quatro componentes associados ao verbo finito sujeitos a focalização: a) significado lexical; b) finitude; c) modo verbal e d) verdade.

³ Aqui é importante tratar da diferença do conceito de foco nos estudos de prosódia e nos estudos de semântica/sintaxe. O Foco Prosódico significa a realização de proeminência prosódica através de aplicação de acento de *pitch* sobre os referentes presentes na sentença, e pode ser distinto em apenas dois tipos, estreito ou largo. Já o conceito de Foco nos estudos de sintaxe/semântica está relacionado à interpretação da proeminência prosódica associada ao referente, apresentando, portanto, várias definições. A definição mais básica é de foco informacional, quando o elemento é informação nova, e de foco contrastivo, se o elemento realçado representa uma correção. Outros trabalhos ampliam a distinção em tipos de foco: foco exclamativo, projeção de foco, foco exclamativo, foco de verdade, dentre outros.

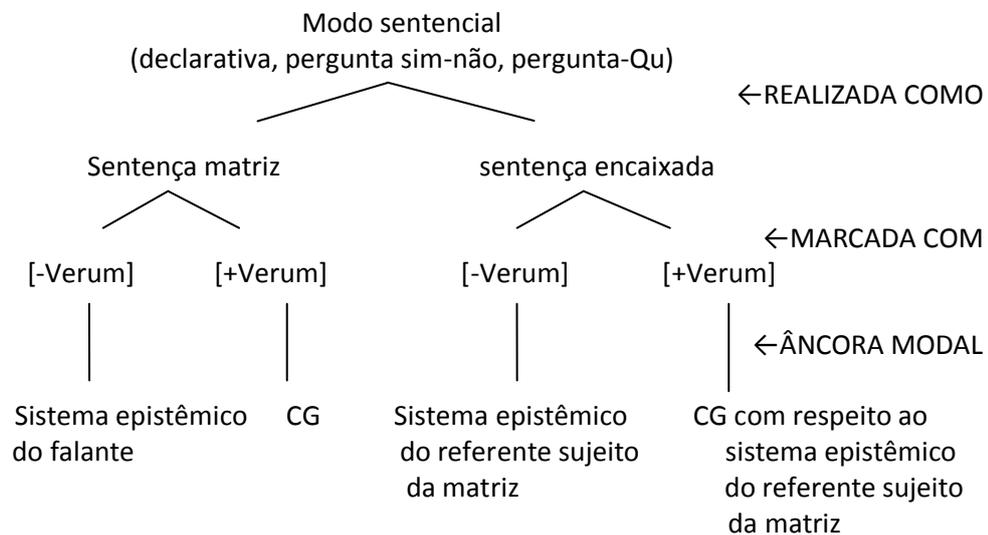
Segundo Lohnstein (2000, 2007), as restrições de ocorrência de foco de verdade em alguns tipos de estrutura, por exemplo em interrogativas-QU, está relacionado à impossibilidade de atribuição de valor de verdade a construções em certos modos verbais. Isso porque, segundo o autor, a afirmação de que modos verbais restringem o domínio de valoração de uma proposição a certa classe de mundos (*backgrounds*). Assim, uma expressão que contém um modo verbal pode ser valorada em respeito a diferentes *backgrounds*, mais especificamente a dois principais, o epistêmico e o factivo. Para o autor, apenas proposições valoradas a partir de um *background* epistêmico podem ser assumidas como verdadeiras ou falsas. Assim, a Verdade, tida como uma relação entre conteúdos proposicionais e mundos, aparece como um componente modal na periferia esquerda das estruturas sentenciais, ou seja, nessa proposta, princípios da interpretação semântica se relacionam diretamente a processos de estruturação sintática.

Na caracterização sintática do tipo de sentença (declarativa, interrogativa, imperativa, etc.), Lohnstein & Stommel assumem a proposta de Lohnstein (2000, 2007), na qual essa estruturação entre sintaxe e semântica se dá da seguinte forma: a posição de Spec de CP na periferia esquerda é preenchida pelo movimento de um sintagma [\pm Qu] e é a presença ou ausência desse traço [Qu] que determina o tipo de sentença. No caso de um sintagma [-Qu] no CP a interpretação dada à sentença é de um julgamento, ou seja, uma sentença declarativa. Se há uma partição diferenciada do significado da sentença, isto é, se há o movimento de um elemento [+Qu] do interior da proposição, tem-se a interpretação de uma interrogativa-Qu. Já se há uma partição não modificada, quando nada é movido para C, tem-se a interpretação de uma Pergunta sim-não.

A caracterização do modo sentencial nos termos expostos em relação ao valor de verdade da seguinte forma: o conteúdo proposicional pode ser verdadeiro ou falso; no caso de declarativas (sintagmas [-Qu]) a partição entre verdadeiro e falso se dá em relação a classes de mundos; no caso de interrogativas-Qu, a partição é realizada em relação ao elemento [+Qu], por meio de subclasses de propriedades de Qu: pessoas no lugar de *quem*, lugar no lugar de *onde*, tempo no lugar de *quando*, etc. Já para perguntas polares, não há a partição da proposição entre verdadeiro e falso. Se essa caracterização está certa, espera-se que não seja possível um traço [VERUM] sobre perguntas-Qu, em que o valor de verdade é dado em relação ao elemento-Qu e não à proposição, mas, no caso de perguntas sim-não, é possível atribuir um valor de verdade à proposição como um todo, o que permite [VERUM].

Para relacionar teoricamente sentenças com foco de verdade a um modo sentencial específico, Lohnstein assume que no caso do modo sentencial, nas sentenças com foco de verdade, a mesma partição estrutural percebida no sistema epistêmico do falante se dá no *common ground* (STALNAKER, 1998). Assim, se a partição da estrutura é mantida pelo sistema epistêmico do falante, o foco de verdade pode não estar presente, já se é mantida pelo contexto do discurso, o foco de verdade é requerido.

A proposta de Lohnstein & Stommel (2009) de relacionar categorias gramaticais do modo sentencial e foco de verdade para estruturas de sistemas não linguísticos de atitudes epistêmicas e contextos de discurso pode ser representada pelo esquema abaixo:



Como representado no esquema acima, o foco de verdade é um fenômeno que depende fortemente de estruturas dadas por objetos semânticos que correspondem ao modo sentencial. E embora em todos os casos de modo sentencial, alguma variante de [VERUM] é requerida mesmo sem focalização, nos casos em que há focalização condições estruturais são os responsáveis pela realização do modo sentencial que já contém esse traço.

Leonetti & Escandell Vidal (2008) entendem o foco de verdade como um tipo especial de foco estreito sobre a polaridade, assim, a sentença toda, nesse caso, constitui uma região informacional única, provocando a interpretação enfática. Tal constatação reforça a interpretação das estruturas [Neg V Não] como foco de verdade, como já apontado por Teixeira de Sousa (2012), uma vez que essa estrutura não permite disjunção, o que significa que nenhum elemento da sentença pode estar fora do escopo polar.

(8) a. O Pedro não conhece a Luísa e a Ana não₂.

b. O Pedro não conhece a Luísa ou a Ana (**não*₂). Eu só não sei qual.

No que diz respeito à terminologia, há autores como Romero & Han (2004) que propõem duas instâncias de foco de verdade: Foco de verdade positivo para dados como a inserção de elementos enfáticos positivos (*do-support* do inglês) e foco de verdade negativo que requer um elemento negativo acentuado.

No que diz respeito à interpretação, o *não* final nas estruturas [Neg V Não] não permite leitura escalar porque tem escopo sobre toda a proposição, o que é um efeito esperado, se se considera que o foco de verdade funciona como um foco estreito sobre a polaridade, transformando a proposição em uma região informacional única:

- (9) O menino pegou só dois peixes.
a. Ele *não* pegou só dois peixes (#*não*₂). Ele pegou todos os dois peixes.
b. *Ele não* pegou só dois peixes *não*₂. Ele pegou três peixes.

Segundo Teixeira de Sousa (2012), o *não*₂ apresenta algumas restrições sintáticas em perguntas-Qu, encaixadas temporais e com verbos factivos:

- (10) a. Onde você *não* vai (**não*)?
b. Enquanto minha filha *não* chega em casa (**não*), eu não durmo.
c. Lamento que você *não* venha (**não*).

Considerando que perguntas-Qu são interrogativas não polares, a agramaticalidade de estruturas [Neg V Não] em perguntas-Qu é explicada pelo fato de esse tipo de sentença não apresentar foco de verdade, porque esse só é possível sobre toda a proposição e em relação a um mundo – numa pergunta-Qu, a proposição só é verdadeira em relação ao elemento-Qu. Por outro lado, [Neg V Não] é possível em perguntas sim-não em contexto marcado:

- (11) O João *não* chegou ainda *não*₂? (Achei que ele tinha chegado)

Uma pergunta polar satisfaz os dois quesitos para realização do foco de verdade, uma vez que não há partição do conteúdo proposicional e esta está relacionada a *common ground*.

O uso de [Neg V Não] como foco de verdade está relacionada ao *common ground* discursivo, mas diferente do que ocorre com a denegação, sentenças com foco de polaridade alteram a pressuposição da sentença. Além disso, o foco de verdade é licenciado também por pressuposições e pelo ambiente, o que não ocorre numa denegação. Outro ponto é que o foco

de polaridade está relacionado ao sistema epistêmico do falante, ou seja, está relacionado a crença, o que demonstra mais fortemente que as estruturas com foco de verdade correspondem a uma asserção associada a uma denegação e não um único ato de denegar.

Outro ponto a ser ressaltado é a possibilidade de foco de verdade em alguns tipos de subordinada. Como muitos autores afirmam (HYMAN & WATERS, 1984; JULIEN, 2010), certas orações subordinadas têm estrutura informativa independente, apresentando a mesma força ilocucionária da oração matriz. O foco de verdade, estando associado a força ilocucionária, é possível em subordinadas que apresentem traço [+asserção]. Para Hyman & Waters (1984), formas [+foco] são universalmente compatíveis com sentenças matrizes, uma vez que essas projetam informação em primeiro plano, já no caso das subordinadas, apenas as completivas seriam [+asserção]. Considerando esse fato, podemos dizer dentre as diferenças entre denegação e asserção, ao que parece a denegação é restrita a contextos de matriz, enquanto uma asserção pode ocorrer em alguns tipos de subordinadas, mesmo estando associadas a uma denegação.

Ainda com relação a esse tópico, é interessante observar que o foco de verdade no alemão ocorre através de acento de *pitch* sobre o complementizador da encaixada ou sobre o verbo finito, mas nunca em algum elemento da oração matriz quando de uma subordinada. Também no PB, conforme Teixeira de Sousa (2012), o foco de verdade marcado entoacionalmente ocorre através de proeminência prosódica sobre uma partícula positiva ou negativa na sentença encaixada e nunca na matriz. Tal fato nos faz relacionar a realização de foco de verdade à polaridade relativa da sentença, provavelmente em associação com a polaridade absoluta (FARKAS 2009).

No caso de encaixadas com verbos factivos, sabemos que verbos factivos semanticamente pressupõem a veracidade da proposição expressa pela oração. Dessa forma, é de se esperar que não haja ênfase sobre a verdade da proposição, sendo essa assumida de antemão.

Se observamos os dados de foco de verdade, verificamos que em todas as situações há algo no contexto linguístico ou extralinguístico que introduz *common ground*, como também há cancelamento de pressuposição, evidenciado pela diferença de polaridade da sentença que induz o *common ground* e a sentença resposta.

- (12) a. A: Você não comprou as coisas que pedi.
B: Eu comprei *sim*.

- b. A: Você comeu o bolo todo.
B: Eu *não* comi *não*.

O foco de verdade a partir da partícula *sim* como indicado no exemplo (12a) é bastante útil na distinção entre [Neg V Não] enquanto negação de proposição e [Neg V Não] enquanto foco de polaridade. A distinção fica mais clara quando analisamos a estrutura em comparação à partícula *sim*, porque proposições afirmativas geralmente não carregam nenhum elemento extra, como ocorre com a negação. Já no caso de realização de foco de verdade positivo, ocorre o uso do *sim*. Assim, ao comparar polaridade negativa e polaridade positiva em contextos não neutros, esperamos encontrar o par *sim/não* como expressão de foco de polaridade, ou seja em respostas, mas não em contextos de polaridade neutra.

- (13) a. A: Você não me convidou pra sua festa.
B: Eu te convidei *sim*.
- b. A: Mas eu te convidei pra minha festa
B: *Não* me convidou *não*.

Os dois casos expressos podem ser interpretados como foco de polaridade, uma vez que a associação com o contexto anterior e a correção são claros; já com as sentenças apresentadas abaixo, o uso de partículas de polaridade são consideradas infelizes.

- (14) a. #Nossa! Falando do Pedro, eu vi ele hoje *sim*.
- b. A: Você tá nervosa. O que aconteceu?
B: #Perdi minha carteira *sim*.
- c. E o João? Não ouço nada dele há tempos
B: #O João anda bem *sim*.

Os dados em (12) e (13) mostram as estruturas [Neg V Não] no PB em dois usos distintos, enquanto proposição negativa e enquanto foco de polaridade e a evidência seria o uso do *sim* que só ocorre como foco de polaridade, já que proposições afirmativas não carregam nenhum elemento extra.

Ainda com relação ao uso do *sim*, verificamos que a presença dessa partícula induz uma leitura de ênfase. No entanto, dependendo da posição da partícula na estrutura sintática, temos diferentes interpretações. Enquanto no caso de estruturas [V Sim] a interpretação recai

sobre a polaridade da sentença, a presença do item *logo* após o sujeito leva à interpretação contrastiva:

(15) Este *sim* foi um bom aluno.

Tal distribuição parece indicar que não é simplesmente a ocorrência de partículas de foco que induz a uma determinada interpretação, mas também a posição dessa partícula na estrutura sintática. No entanto, quando passamos aos dados de negação, observamos que o *não* tem mais restrições de ocorrência, o que pode estar relacionado a questões de escopo.

(16) *Este *não* foi um bom aluno.

Os dados acima indicam que, embora a comparação entre partícula positiva e negativa traga algumas respostas, estruturas negativas e afirmativas não são um par idêntico distinto apenas pela polaridade, sendo necessário ainda mais estudos sobre essa temática.

Considerações Finais

Neste trabalho, buscamos discutir a possibilidade de interpretação de estruturas negativas [Neg V Não] como foco de verdade. Como vimos, a negação em contexto de resposta pode ser interpretada como denegação ou como asserção negativa, sendo possível a ocorrência de ambas como atos de fala associados (RAJAGOPALAN, 1982). A ocorrência das estruturas [Neg V Não] em contextos de resposta, como observado, depende da existência de *common ground* com a leitura de ênfase sobre a polaridade da sentença. Tal fato nos levou à interpretação dessa estrutura como foco de verdade.

A comparação entre estruturas [Neg V Não] e [V *sim*] foi usada como critério para a distinção entre estruturas assertivas e de foco de verdade, uma vez que o item *sim* só ocorre em estruturas de foco de verdade, não sendo necessária a presença de nenhum marcador em caso de sentenças afirmativas neutras.

Como apontamos, há ainda algumas questões a serem respondidas no que diz respeito à derivação dessas estruturas, uma vez que a posição da partícula positiva na estrutura sintática parece ser mais livre que a da partícula negativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIBERAUER, Theresa; CYRINO, Sonia. *Apearances are deceptive: Jespersen's Cycle from the perspective of the Romania Nova and Romance-based Creoles*, paper presented at *Going Romance 23*, University of Nice, Nice, 2009.
- BÜRING, D. & GUNLOGSON, C. *Aren't Positive and Negative Polar Questions the Same?* UCSC/ UCLA, 2000.
- CAVALCANTE, Rerisson. *A negação pós-verbal no Português Brasileiro: Análise descritiva e teórica de dialetos rurais de afro-descendentes*. Salvador. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Bahia, 2007.
- CAVALCANTE, Rerisson. *Negação anafórica no Português Brasileiro: Negação sentencial, negação enfática e negação de constituinte*. São Paulo. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, 2012.
- FARKAS, D. Polarity Particles in Hungarian. In.: DIKKEN, M.; VAGO, R. (eds.) *Approaches to Hungarian: Papers from the 2007 New York Conference*. V. 11. John Benjamins Publishing Company, 2009.
- FARKAS, D; BRUCE, K.. On reaction to assertions and polar questions. *Journal of Semantics*, v. 27, 2010, p. 81-118.
- HÖHLE, T. N. Über Verum Fokus im Deutschen. *Linguistic Berichte*, 1992, p. 112-141.
- HYMAN, Larry; WATTERS, John. Auxiliary focus. *Studies in African Linguistics*, vol. 15, n. 3, 1984, p. 233-273.
- JULIEN, Marit. *Embedded clauses with main clause word order in Mainland Scandinavian*. 2010 Citado do manuscrito.
- LAKA, I. *On the syntax of Negation*. New York: Garland, 1994.
- LEONETTI, M.; ESCANDELL-VIDAL, V. *Fronting and Verum Focus in Spanish*. Ms, Universidad de Alcalá/ UNED, 2008.
- LOHNSTEIN, H.; STOMMEL, H. Verum focus and Phases. In. PANAGEOTIDIS, P.; GROHMAN, K. (eds.) *Linguistic Analysis*, vol. 35, 2009, p. 1-4.
- LOHNSTEIN, H. *Satzmodus – kompositionell. Zur Parametrisierung der Modus-phrase im Deutschen*. Berlin: Akademie-Verlag, 2000.
- LOHNSTEIN, H. On clause types and sentential force. *Linguistik Berichte*, vol. 209, 2007, p. 63-86.
- RAJAGOPALAN, Kanavilil. *Negation and denial. A study in the theory of speech acts*. São Paulo. Tese (Doutorado em Linguística) – Puc-SP, 1982.
- ROMERO, M.; HAN, C. On negative yes/no questions. *Linguistics & Philosophy*, vol. 27, 2004, p. 609-658.
- STALNAKER, R. Pragmatic presuppositions. In: Munitz, M.; Unger, P. (eds.), *Semantics and Philosophy*. New York, 1974. p. 197-230.
- STALNAKER, R. Assertion. In.: P. Cole (Ed.) *Pragmatics: Syntax and Semantics*. v. 9. New York: Academic Press, 1978.
- STALNAKER, R. Common Ground. *Linguistics and Philosophy*, vol. 25, 2002, p. 701-721.
- TEIXEIRA DE SOUSA, L. *Sintaxe e interpretação de negativas sentenciais no Português Brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística), Unicamp, 2012.
- TEIXEIRA DE SOUSA, L. Sentential negation in Brazilian Portuguese: Pragmatics and syntax. *JournLipp*, v.1, 2011, p. 89-103.
- WOOD, J. So-inversion as polarity focus. In. GROSVOLD, M.; SOARES, D. (eds.) *Proceedings of the 38th Western Conference on Linguistics*. Fresno, CA: University of California, 2008, p. 304-317.